

ALVORADA

1.º ANNO
Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica
GUIMARÃES

SEMANARIO REPUBLICANO
Redactor principal,
Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 17 de agosto de 1911

Numero 39
Administrador,
A. L. de Carvalho
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAYO GALVÃO

DEVÊRES

A violência, mesmo ao serviço dum ideal superior e dum causa nobre como a da Republica, pôde vencer, dominar, coagir—mas não persuade nem convence. Consegue a educação aquillo que todas as forças humanas não conseguem—modificar, amoldar, ennobrecer o espirito do homem.

Porque alguns portuguezes, monarchistas ou não, se não comportam como deveriam quando ao passar a nossa bandeira ou quando ouvindo o hymno nacional, motivo tem havido contra estes para censuras, rancôres e violências impulsivas. Ora, pensando fria e ponderadamente, parece que assim não devem proceder os bons republicanos em sua propaganda honesta e conciliadora de principios.

Quem comprehende e sabe cumprir os deveres de civismo que a patria lhe merece manifesta espontaneamente, sem imposições, o seu respeito deante dos symbolos dessa patria. Poderão reaccionarios monarchistas ou visionarios anarchistas afirmar que este sentimento, este respeito não passa, afinal, dum atrazado fanatismo «religioso». Chamem-lhe, embora, religião, mas incontestavelmente religião humana e admissivel, porque se a bandeira em si não é mais que um farrapo, um pedaço de tela verde-encarnada—pelo symbolismo, pela ideia alta e poderosa que representa, pela ideia que a esse farrapo anda ligada, unificada, elle toma em nosso espirito as proporções grandiosas dum coisa sublime e sagrada. Emquanto um braço de portuguez conservar erguida essa bandeira, esvoaçando ao vento, embora á sua volta haja um solo juncado de cadaveres que, por ella, mordeiram a terra—as suas côres vibrantes dizem independencia, dizem soberania, dizem nação livre.

De chauvinismo, de patriotismo exaggerado alcunhará, por certo, alguém esta maneira de pensar. Mas que o destino leve esse alguém, um dia, a

terra estrangeira e alli veja tremular esse pendão que é nosso ou porventura ouça aquella harmonia ao mesmo tempo guerreira e embaladora do hymno portuguez—e o coração, se o tiver, lhe estremecerá de saudade da nossa patria, da nossa aldeia, da nossa casa, de tudo que é nosso e a que temos amor entranhado.

Pelo conhecimento da relação intima que liga estes symbolos á ideia concreta de patria e Republica é que, perante elles, nos devemos conservar com respeito, deixando, todavia, a quemquer que seja a liberdade de se conter na sua pertinácia erronea, refractario ao progresso, preferindo estacionar no campo odioso dum passado que nos envergonha. Cumprámos nós o nosso dever. Os partidarios do throno, do roubo, da ignorancia, da rotina cahirão por si. Nós somos o paiz—elles uma facção esphacelada e renitente. Não devemos, portanto, exigir as suas manifestações exteriores de adhesão e agrado á nova Republica porque, intimamente, essa adhesão é falsa, forçada, rancorosa. O nosso cuidado deverá ser apenas rete-los no seu estado inoffensivo.

De resto, sejamos tolerantes, respeitando-lhe a consciencia ou antes—a inconsciencia. Aos que adoram uma falsidade, uma mentira, um fetiche, só as palavras sensatas, o raciocinio, a razão podem levar-lhe a luz. Demolir preconceitos pela violencia é crear adeptos á causa inimiga. A educação não pode ser dada pela força, por isso que o pensamento de cada um é estranho a essa mesma força. Pode metter-se um homem a ferros, mas a sua consciencia, o seu fôro intimo é livre, immensamente livre como d'antes, como sempre. Nenhum servidor a mais conseguiremos, neste caso, trazer para a Republica, «obrigando» alguém a ter um culto que não sente por uma bandeira e um hymno que o seu odio não reconhece. Nunca o respeito provem da oppressão e da violencia intransigente, que só faz revoltados perigosos.

Haja tolerancia, ordem, harmonia, coherencia.

NOTAS DA SEMANA

O pão nosso...

Não se trata da conhecida oração christã, mas do pão nosso de cada dia—a má lingua—muito da predilecção cá do burgo, sobre a qual bastas vezes se tem dissertado sem contestação possivel, porque é um facto irrefutavel; ou não pertencesse Guimarães á categoria das terras pequenas.

Mas á bisbilhotice indigena junta-se o prazer da calumnia, o debicar soffego na reputação alheia, tanto mais persistente nos ataques quanto mais independencia de caracter se mantenha entre o marulhar d'uma hypocrisia inveterada que tudo pretende rancorosamente subverter á sua acção dissolvente.

Trata-se d'um conterraneo? Tanto melhor. Apontam-se-lhe todos os defeitos por mais naturaes que elles sejam, e ai d'elle se não communga no credo politico dominante. Ou tem de capitular ante a ameaça da fome, abjurando como Galileu ante a ameaça da fogueira, traíndo a sua consciencia, ou resiste corajosamente se os seus recursos proprios lhe favorecem a independencia de caracter, se não quizer fugir enjoadado de terra tão madrasa para seus filhos.

Chega-se ao arrependimento das saudades invocadas de muito longe até ás lagrimas pelo torrão natal, quando nem sequer se adivinha o quanto elle desmerecia no affecto puro e sincero de seus filhos.

Persegue-se systematicamente, e agora, ameaçados tambem de torturas inquisitorias por anónimos da mais desprezível cobardia e da mais pura canalhice, para o irrisorio grande dia, atiram-nos segundo se rumoreja por ahi, ao pelourinho da ignominia com a accusação calumniosa de instigadores da caça e queima das bandeiras azues e brancas na noite final das festas do centenario.

Lavramos aqui o mais vehemente protesto contra o desconhecido auctor da aleivosia, que bem se vê não ignorar que da calumnia alguma coisa sempre fica.

O caso da «Senhora-á-Villa»

Ainda estão proseguindo as diligencias no sentido de fundamente se averiguar dos acontecimentos dados nesse domingo em que a ronda da Lapinha atravessará a cidade. Encarregado do caso foi o juiz sr. Dr. Costa Santos, enviado especial do illustre ministro da Justiça, o qual parece dar em breve por concluido o seu trabalho—orientado no sentido de averiguar se houveram ou não vivas sediciosos.

Açarra! Açarra!

...E o homem,—foi terça-feira á noite—fugia, fugia sempre, qual lobo perseguido por caçador em matagal denso. No olhar,—ah! por certo—iam-lhe mil pavores... antevendo em seus feitos uma noite mal passada nas duras taboas da esquadra, talvez a deportação, quem sabe se o fuzilamento.

E o homem por isso mesmo fugia—eram 10 da noite—coçado e perseguido. Pouco confiado nas vantagens duma serena discussão entre um agente da ordem ou mais rigorosamente entre os representantes da justiça, disparou o seu revolver, fugindo sempre.

Era já agora dispensavel a logica e, outros tiros se crusam, emquanto soldados de cavallaria que passavam arrastando espadas as fazem luzir ao luar da contenda.

Ha alarme e, por fim, o homem que fugia é preso.

Porquê?

Porque, dizia-se então, elle dissera coisas e loisas contra a Republica!

Em que tom? porque forma? em que circunstancias?

Sim, porque isto de em palestras dizer mal da Republica não é nem um perigo social nem nacional—visto que é um defeito da terra.

Entretanto vejamos se é possivel mais calma, mais certeza de vista e, sobretudo, menos barulho. E' que parece até que Guimarães está sobre um vulcão!

Não se ganha p'ra sustos, credol!

O caso da precissão de Passos

«Estava para hontem designado o julgamento do sr. Agostinho d'Oliveira, negociante, estabelecido na Praça do Libertador de Portugal, como um dos implicados nos tumultos aqui succedidos ha mezes, por occasião da precissão de Passos.

Como apresentasse novamente attestado de doença, passado por um medico de Famalicão, e ao meretissimo delegado do procurador da Republica constasse que o reu estava em sua casa, nesta cidade, aquelle illustre magistrado requereu, sendo-lhe deferido, que fossem nomeados dois medicos afim de, acto continuo, procederem a exame na pessoa do citado reu.

Em cumprimento d'esta diligencia, as auctoridades judicias foram a casa do sr. Agostinho d'Oliveira, não se verificando o exame requerido, pelo facto das mesmas auctoridades serem informadas de que elle estava ausente em Famalicão, ficando portanto o julgamento adiado mais uma vez, sem dia marcado.»

Em viligiatura

O nosso redactor principal e amigo sr. capitão Pina Guimarães está a uso de banhos nas Caldas das Taipas. Breve volta... e ainda bem para descanso nosso.

O azeite

E' evidente que sendo o azeite um dos mais importantes productos da alimentação publica—aquelle que constitue por assim dizer o unico adubo do caldo dos pobres—a sua carestia era deveras sentida por todos tornando-se por isso uma preocupação seria do governo da Republica e no parlamento se vinha desde muito falando no sentido de se tomarem urgentes providencias, como era mister.

Vieram estas, finalmente, depois de se haver procedido a um inquerito para se verificar se a carestia não seria antes—como se attribuia e tantas vezes succede—o resultado de especulações de syndicateiros. Apurado como foi de que o mal derivava da sua pouca abastança e não porque alguém o retivesse á espera de maiores lucros, o sr. ministro do fomento submetteu ao parlamento um projecto de lei auctorisando a sua importação.

A proposito do caso extractamos das notas da sessão parlamentar de 15:

«O sr. Brito Camacho diz que o azeite não excedeu ainda o preço que noutros annos tem attingido. Mas desde que se averiguou que o azeite existente não chegava para o consumo, o governo não podia deixar de auctorisar a importação desse genero alimenticio.

Fixa-se a importação em trez milhões de litros.

Será pouco? Será muito? Não é facil sabel-o, porque não ha dados para se avaliar com justeza o consumo do paiz.

Entretanto, todas as cautellas eram precisas para não se inundar o nosso mercado de azeite hespanhol ou qualquer outro, infinitamente peor do que o nacional, cuja acidez é muito melhor, ao passo que o seu fabrico é muito superior.

Além d'isso, a futura colheita está á porta, competindo ao governo acautelal devidamente os interesses da lavoura, que não podem ser sacrificados a quaesquer outros. O azeite importado, segundo o projecto do sr. Camacho, não poderá ser vendido a mais de 250 reis o kilo, por grosso, ou 280 a retalho.»

E' então verdade que o azeite ainda não havia excedido o preço que n'outros annos já attingira?

Em qualquer dos casos o que é certo é que o assumpto vinha sendo torpemente explorado pelos sujos adversarios da Republica—como se uma intelligencia mediana não alcançasse que a propria carestia derivava de males... para os quaes a monarchia differentemente da republica havia contribuido.

Por causa do hymno nacional

Os acontecimentos de domingo no jardim publico... mais uma vez!

Pela quarta ou quinta vez no jardim publico d'esta cidade e ao tocar no final do concerto o hymno nacional, factos anormaes se veem succedendo; não tanto porque haja quem sem respeito pelo symbolismo e ideia da patria que o hymno representa se não descubra como bom portuguez, mas, sim, porque um ou outro parvalhoide ousa ouvil-o irreverentemente, já ostentando-se de chapéu até ás orelhas em frente do coreto, com destaque, já arriscando uma phrase d'arrogancia semceremonia como se fossem elles quem defendem a boa doutrina.

O facto é que taes incidentes teem, como é natural, levado o receio ás gentes pacatas que conservadoramente até ao jardim iam dar o seu passeio; e, se estes prejuizos o regimen os supporta, por certo que já outro tanto não succede com o retrahimento das nossas gentis damas (as damas são sempre gentis) para quem a hora da musica (e da novena) é tudo. E entretanto que estas coisas vão enchendo as discussões e preoccupando respectivamente os animos, lá fora Guimarães passa a ser tomado como terra de cafes, taes os creditos thalassicos e de regressão que gosa.

Mas, com a breca! Não devemos todos nós, republicanos e não republicanos, ceder um pouco das nossas paixões, dar em tolerancia e em prudencia uns aos outros o que parece quererem-se negar?!

Pois distrahindo d'um ou outro velhacaz proposito, não se cifra afinal toda esta questão numa questão—de chapelaria?!

Sabido que ninguem perante a lei pode ser obrigado ou sequer coagido a descobrir-se, para que reparar, para que olhar de perto aquelles que o não fazem se ha muito menino que cujo unico intuito é provocar as atencões para na linha dos reparos poder figurar de victima?!

Em face desses energumens sem miolo para discernir, nem prudencia para evitar, sente-se, é certo, uma tal ou qual vontade de os sujeitar ao rigor do bico da nossa bota, ou, como tem acontecido, gritar-lhes bem ao ouvido saudações e vivas á Republica. Mas se o rigoroso bico da nossa bota não traduz mais que coleras incendiadas; se as nossas manifestações em tal momento nada mais dizem que enthusiasmos aquecidos, pergunta-se: — porque os não abandonar com o seu gesto deslavado, nós os republicanos que somos indubitavelmente portadores duma moral politica mais superior?!

Acaso o nosso exasperado reparo beneficiará as ideias que servimos?! Não servirá elle para perturbar a atmospheria da situação já de si tão carregada?!

Repetimo-lo: melhor achamos que se não apure muito de gestos ou phrases pronunciadas por imbecilsotes, pois, que um tal procedimento por parte dos elementos republicanos, longe de traduzir abdicção ou fraqueza—visto que nem a lei nem os principios são por esse facto abatidos—antes se demonstram da sua parte tacto politico e perfeita consciencia do momento.

Os acontecimentos

E' sabido, (embora em obediencia aos melhores interesses da terra do caso se não fizesse alar-

de na imprensa) como no termo da festa da cidade pela madrugada, uns acontecimentos anormaes as vieram fechar. Um bandeirolas, sem corõa, é certo, mas das côres azul e branco destacadas em algumas casas, foram destruidas e lançadas por terra nessa madrugada. Uma d'essas casas, adornada acintosa e provocantemente, foi a d'um industrial de cortumes, vendo-se alli talvez uma duzia d'essas bandeirolas além de mais um enfeite, azul e branco, que guarnecia um balcão da mesma.

Podia a commissão das festas, a commissão de ornamentações, ou depois d'estas a auctoridade, ter mandado retirar aquella ostentação como medida preventiva. Nós pessoalmente e pelo jornal falamos nessa intervenção. Não se fez, e, como se viu, as consequências salientaram-se. Ora como se tratasse d'um industrial com preponderancia entre os seus operarios, desde logo se falou em manifestações de desagravo. Avisados d'isso, nós fomos levar o nosso conselho junto dos representantes da classe — confiando, como o digno presidente da associação da referida classe, com quem falamos, que nada haveria, como era mister para honra e bom nome dos mesmos.

Passa-se a semana e, com o domingo vem a musica ao jardim. Final do concerto, já quando do elemento ferenil o jardim estava varrido, toca-se o hymno nacional. Ha como sempre quem se descubra e quem tambem se não descubra. Adiante. Entendeu, porém, um cabo (assim nol'õ contam) observar em termos correctos a provocante attitude d'um popular que, parado, em frente do coreto assistia de chapéu na cabeça ao vibrar da portugueza,—hoje consagrada como symbolismo da Patria, mãe commum de todos os portuguezes. D'ahi a faisca que lavrou o incendio... incendio d'animos que encheu de perturbações toda uma noite.

O cabo foi esmurrado, abrindo-lhe o sangue. Logo se falla em gente de «rua de couros»; de lá effectivamente veem brados e correrias. Outras escaramuças o incidentes produz, entretanto que aclamações hostis ao regimen e pelo regimen se chocam. Momentos depois, como que alguém obedecendo a um plano ou trama, duas ou tres torres dão signal de rebate. Acorrem bombeiros... sabendo alguns destes que não é de incendio que se trata. Adiante. Providenciado o assalto ás torres por parte da auctoridade, momentos depois ouvem-se gritos ainda para a «rua de couros»; é um bando armado de cacetes que pretende entrar á cidade. Dirigimo-nos para lá no intuito de falar áquelle povo em attitude belica e aggressiva. Aparece seguidamente a auctoridade e, secundando os seus esforços de pacificação, á massa agitada e convulsiva dirigimos algumas palavras de cordura e de paz que não tiveram um exito de composição absoluta, mas que pelas varias tentativas desfeitas, alguma coisa se evitou.

Mais tarde foram as atencões chamadas para o Largo da Republica do Brazil onde um barracão de cynematographo fora assaltado á pedra.

Porque se dava este facto? que ligação offerciam estes acontecimentos para que se fossem repro-

duzir no barracão do cynematographo?

Conta-se assim o caso. Numa sessão da tarde, um rapazola filho de gente de «rua de couros» passeava ali ostentando uma venera thalassica, dizendo-lhe ou fazendo-lhe um filho do proprietario do referido cynematographo alguma coisa pelo que o rapazola entendeu... rachar-lhe a cabeça com uma pedra. Mais se dizia que o do cynematographo andára na tal noite, final da festa, auxiliando a colheita das bandeirolas azues e brancas ostensivamente postas. Eis porque á pedrada foi assaltado o barracão no Largo da Republica do Brazil.

Olhada a gravidade da situação a auctoridade faz nesta altura a requisição da força armada comparando esta sob o commando d'um tenente a qual se limitou a fazer uma rusga aos pontos onde os conflictos se deram, retirando pouco depois.

Seguem-se agora as necessarias diligencias por parte da auctoridade administrativa.

Um momento um magote de manifestantes dirigiu-se pela rua de Camões abaixo gritando vivas hostis ao administrador do concelho e ao regimen.

Estava com a vara de administrador, pela ausencia deste em Villa Real, o sr. presidente da Camara.

PELOS JORNAES

«Deram-se hontem á noite graves tumultos, na occasião em que a banda d'infanteria 20 executava «A Portugueza» no jardim publico.

Mais de 300 individuos, artistas, da rua de Couros e lavradores da freguezia de Abbação, armados de cacetes, levantaram vivas á monarchia, a D. Manoel e a Paiva Couceiro, ao mesmo tempo que soltavam morras á Republica, chegando os sinos de muitas torres a tocar a rebato, pelo que compareceram os bombeiros voluntarios.

Estas manifestações prolongaram-se até depois das 2 horas da madrugada, sendo então que appareceu uma força de capitão, d'infanteria 20, chegando a ser presos quatro desordeiros, que, ao que consta, declararam o nome de quem os aliciara.»

Do «Noticias» em 14

Podemos asseverar ao solicito correspondente do «Noticias» de que não eram 300 os manifestantes que da rua de Couros subiam para a cidade, bem como tambem é bom afirmar que na sua maioria não eram trabalhadores d'aquella localidade; vimos isso de perto.

«Proseguem as investigações sobre os acontecimentos de domingo.

Estão presos 14 individuos sobre os quaes impende uma tal ou qual responsabilidade.

O sr. Guilhermino Alberto Rodrigues, que era até hoje ás 2 horas da tarde, o administrador do concelho, recebeu um telegramma do illustre ministro do interior para entregar a administração ao sr. Theodorico Pereira dos Santos, illustre official de cavallaria.

Essa entrega foi feita hoje, ás 2 horas da tarde, na administração do concelho, assistindo grande numero de cavalheiros pertencentes ao partido republicano.

No acto da posse prometeu o illustre official ser o mais bene-

volo possivel para com toda a gente uma vez que fosse n respeitadas as instituições vigentes, a Republica, emfim.

Era a Republica a fórma do governo portuguez; a todos os portuguezes, pois, cumpria acatar com o maior respeito as suas leis e determinações, sob pena de desobediencia que seria rigorosamente punida.

Contava com o auxilio de todos os bons republicanos de Guimarães e esse, tinha-o certo, em face do que observava no acto da sua posse.

Assentava, no emtanto, em fazer cumprir as leis da Republica, qualquer que fosse a entidade que as não respeitasse.

—Chegou a esta cidade para investigar dos acontecimentos o juiz de instrucção criminal dessa cidade, sr. dr. Sá Fernandes.

A cidade está em absoluto socego.

As investigações proseguem dizendo-se haver muita gente comprometida no caso.

De positivo, porém, nada sei. Esta noite chegou, vinda de Braga, uma força de cavallaria de 50 praças.

Alojou-se na casa das Lameiras.

—O individuo que foi ferido no Campo da Feira não foi o dono da barraca que alli ficou das festas, mas o empregado do cynematographo que na mesma barraca funciona, sr. Paulo Ferreira.»

Do «Porto» em 15

Manifestação oportuna

A Associação de Classe dos Cortidores e Surradores d'esta cidade que bem sabe os prejuizos de conceito que soffre a colonia activa dos trabalhadores que representa,—intelligente e proficuamente tem vindo accionando e dirigindo a sua orientação de molde não só a desfazer essa má atoarda a seu respeito como tambem a salientar do quanto vale pela sua vontade, decisão e energia em actuar por si a despeito de os julgarem accorrentados aos caprichos de mandantes e capatazes.

Neste criterio e trabalho de rehabilitação reunira extraordinariamente apoz os acontecimentos de domingo e resolvera mandar para a imprensa a seguinte moção que foi approvada por unanimidade.

Moção

«A Associação de Classe dos Cortidores e Surradores de Guimarães, tomando conhecimento dos factos anormaes de ordem publica que no preterito domingo se passaram nesta cidade, lamenta que nelles houvessem tomado parte alguns operarios da sua classe, e, certa de que é dentro do actual regimen que melhor cabem as aspirações de progresso e de emancipação das classes operarias, afirma por isso mais uma vez a sua sympathia ás instituições republicanas—proclamadas, como foram, pela vontade da Nação.

Guimarães, 16 de agosto de 1911.

«A Direcção.»

Só é para louvar os diligentes esforços dos representantes da classe, devendo esta por sua vez comprehendê-los e secundá-los para bem do seu nome e prestigio da sua dignidade.

Ensinando... os que ensinam

Recordando-nos os deveres de lealdade jornalística (nunca os esquecemos) pedem-nos a publicação duma nota que, dizem, esclarece uma *controversia* (não é sob as origens do Universo, descancem) tratada ultimamente aqui por M. B.,—que é uma nossa illustre collaboradora.

Abertas as portas para toda a discussão que resulte beneficio, não temos duvida, affirmada a nossa neutralidade sobre o assumpto, dar a vez a quem se nos dirige:

«Para com exito e sem rodeios contestar o que menos lealmente é dito por M. B., bastante é tornar publico um esclarecimento flagrante colhido na Inspeccão Escolar.

Nota dos exames de 2.º grau (que era do que tratavamos) requerida antes do ultimo numero da «Alvorada» durante o decennio de 1898 a 1908.

A professora D. Florinda M. da Motta apresentou 12 alumnas a exame alem de muitas outras apresentadas nos annos anteriores.

A professora D. Ermelinda de S. Machado apresentou 4 alumnas a exame, *leccionadas por outro professor, como muito bem sabemos e M. B. tambem o sabe*, nada constando dos annos anteriores, relativamente a esta professora.

Esta é que é a verdade.»

REPORTAGEM

Dr. Eduardo d'Almeida

Veio expressamente a Guimarães, para se informar da importancia dos acontecimentos de que a cidade foi teatro no domingo, o ex.º cidadão Dr. Eduardo d'Almeida, nosso representante no parlamento.

Que se conforte da massada pelo prazer que sentimos em o ter entre nós.

Pic-Nic

Nestes magnificos dias que decorrem nada mais aprazivel e convidativo que um dia passado na Penha entre o alegre e ameno convivio da natureza (que é boa moça) e mais na companhia de bons e despreoccupados amigos (para quem os tiver de muitissima confiança).

Obedecendo por certo a este logico e tambem salutar pensamento destinaram-se a passar alli um dia d'estes, que foi breve, um grupo de moços jovens e decididos.

Comeram-lhe e beberam-lhe bem, como é de lei, não sem que um prudente e avisado Sancho Pança deixasse de presidir á festança dos eleitos do bom gosto... e melhor appetite.

E, para fechar da chronica o estylo, digamos quaes os seus nomes: Adelino Jorge, Fernando Chaves, Adriano Trepa, Adelino Neves, Quadro Flores, José Correia, Bernardo Azenha, Lopes de Carvalho, Sousa Dias, Jeronymo Almeida, Velloso Araujo, Martinho Lobo, Gualter de Sousa e os mais que *feliçadamente* compareceram.

Tiraram-se photographias por mão de photographo, isto para assignalar do grande feito uma recordação que durará... emquanto o mundo for mundo.

Olaré quem brinca!

A nova auctoridade

E' administrador do concelho de Guimarães o cidadão Theodorico Ferreira dos Santos, alferes de cavallaria. Nomeado extraordinariamente em virtude de necessidades de ordem publica, não sabemos se a sua estada entre nós tem ou não um caracter provisorio, como se diz; seja como fôr, cumpre-nos cumprimentar a nova auctoridade offerecendo-lhe este jornal os seus serviços. No sentido de promover ordem e distribuir justiça, sua ex.^a tomou inteiro conhecimento dos factos occorridos entre nós e conta com recursos, como dispõe de energia, para debellar perturbações quando algum mal avisado pense em promovê-las. Espera todavia não ter ensejo de ver repetirem-se acontecimentos anormaes tão tristemente constados e nesse sentido faz um appello ao patriotismo dos vimaranenses.

Que seja muito feliz... como acertado deve ser, estamos certos.

Reconhecimento

A corporação dos Bombeiros Voluntarios foi brindada com reis 100.000, pela Companhia «Garantia» de que é representante nesta cidade o snr. João Gualdino Pereira.

Correspondentes

Foi nomeado correspondente do «Primeiro de Janeiro» nesta cidade o snr. Antonio Rodrigues d'Almeida, amanuense da Camara Municipal.

Conhecemos o nomeado que é intelligente e isso é garantia para que seja tão criterioso como convem a um noticiario.

Felicitemo-lo... se o caso vale felicitações.

Destemperero

Houvera um incidente em infantaria 20—por causa do rancho. Melhorado que foi este, cessou tudo. Creemos que tinha razão a soldadesca, pois que se assim não fosse d'outra maneira teria procedido o seu digno commandante.

A questão do rancho ainda é uma grande questão.

Não se trata pois de disciplina mas de cosinha. Com vista aos especuladores do caso.

Agradecimentos

Recebemos um lindo chromo da mercearia e confeitaria Barbosa, á rua da Republica.

—Tambem cá chegou a casa a «Revista de Guimarães» da Sociedade M. Sarmento. Pelo sumario e pelas capas vemos que ainda vivem... coisas mortas.

Bom é que se faça uma revisão áquillo e que por sua vez se regularise a epocha da sua publicação.

«Ser liberal:—E' ser partidario das liberdades publicas.»

A liberdade não é cada um fazer o que quer. Ha liberdade individual. A liberdade politica, é regermos pelas leis que nos asseguram os nossos direitos como cidadão; a liberdade individual é a nossa acção livre e bondosa que termina quando outrem começa a ser prejudicado nos seus direitos.»

(REVISTA DA ALVORADA)

Maravilhas da arte antiga

IX

Judéa

Ao povo hebreu, que se estabeleceu na Mesopotamia em tempos remotissimos, attribue a Biblia o terem elevado depois do delirio a celebre Torre de Babel, que seria uma reprodução do templo assyrio de Bêlus.

Regressados do Egypto, sob a direcção de Moysés, á desejada terra de promissão, ao paiz de Canaam, que conquistaram a ferro e fogo, estabeleceram-se nas margens do Jordão, e dilataram o seu poderio até ás fronteiras do Enphrates, fundando cidades como Palmyra, em pleno deserto da Syria, de que ainda ha interessantes ruínas, e fizeram de Jerusalem um grande imporio, no auge de cuja prosperidade os israelitas erigiram o afamado templo dedicado a Jehovah, o senhor dos exercitos.

Eram os judeus pouco propensos ás artes, em virtude de preceitos religiosos que lhes prohibia a escultura, pelo que o grande Salomão contractou o phenicio Adom Hiram para dar o plano e dirigir a construcção do seu afamado templo, empregando artistas, operarios e materiaes phenicios.

O celebre templo foi construido sobre o monte Mariah, á vista de Jerusalem, e n'elle se immortalizou o mestre phenicio, a quem tres operarios invejosos deram cruel fim, assassinando-o ao termo da obra.

Do templo de Salomão nada mais existe hoje que um pedaço de muralha; mas pelas referencias biblicas sabe-se que tinha um

portico monumental voltado ao Oriente, que lhe dava ingresso, e era em grande parte adornado de altas columnas revestidas de bronze, sustentando o tecto em cedro polido. Realçavam o seu aspecto numerosos ornamentos de laçarias em relevo, com decoraçáo alternada de flôr de liz e de romã, e por toda a parte admiraveis portas de cedro embutidas a ouro e prata davam entrada para as varias divisões do templo, que eram vedadas tambem por cortinas e veus de linho bordados a côres intensas. Os objectos do culto eram de ouro esculpido, taes como os vasos sagrados e o candelabro das sete luzes.

Cercado de galerias, occupava o templo grande área que se subdividia em tres grandes partes: a anterior destinada ao povo, a do centro, em andares, onde estavam as habitações dos levitas, e, por ultimo, o santuario, onde se guardava a arca da alliança e onde só podia entrar o grande sacerdote uma vez cada anno. O seu valor, como nos monumentos phenicios, dependia mais da riqueza e profusão dos ornamentos do que do merito architectonico; e, como escultura, só se conhece dos hebreus a existencia de dois anjos «Chetubins», em ouro, que, com as azas abertas, como os dos assyrios, estavam collocados sobre a referida arca.

Este templo celebre foi destruido em parte pelos babilonios de Nabuchodonosor, que lhe levaram as principaes riquezas, e totalmente destruido no anno 70 da nossa era pelos romanos commandados por Tito, que fez transportar para Roma os objectos valiosos do templo para figurarem no seu triumpho.

C. P.

Considerações geraes

Do livro do Dr. Alfredo Pimenta «Aos Conservadores Portuguezes».

Destruídas pela acção revolucionaria do doutrinarismo philosophico do seculo XVIII, as ideas em que se baseava o regime absoluto, logico pareceu que se estabelecesse um regime transitorio que preparasse o advento da Democracia. A soberania real de origem exclusivamente divina, oppoz-se a soberania real tambem de origem popular: as Cartas outorgadas são a effectivaçáo politica d'esse systema transitorio em que, de facto, apparecem em funcções parallelas, a soberania de origem divina e a de origem natural.

Entre nós, pode-se impedir, durante os seculos XVII e XVIII, a entrada das ideas da Encyclopedia. Mas as invasões napoleonicas foram um vehiculo admiravel das novas doutrinas. Tanto por este lado, como pelo lado do estímulo da consciencia nacional, o banditismo do preverso dictador francez foi de boas consequencias. O conjunto de certas circunstancias desde as já apontadas até ao abandono do paiz pelo rei D. João VI, que encontrou em nossos dias, na pessoa do escriptor brasileiro Euclides da Cunha (A margem da historia, 264) um entusiastico defensor, levaram-nos á adopção do regime constitucional definitivamente installado

depois de, pela força, desbaratados os elementos pertencentes ao Absolutismo. De maneira nenhuma isto quer dizer que o Constitucionalismo representava a aspiração geral da nação. Esta era, no fundo, absolutista. E para se consolidar, o Constitucionalismo não buscou interessar a alma collectiva, integrando-se nas suas aspirações, formulando concretamente os seus desejos vagos: procurou apenas captar os individuos, servindo-os nas suas paixões inferiores, nos seus interesses mesquinhos ou condemnaveis, isto é, corrompendo, dissolvendo.

Foi uma clientela que veio substituir outra clientela; por isso quando apparecia uma personalidade moral como a de Mousinho da Silveira, a sua obra era infructifera, as suas doutrinas inexecutableis.

O Constitucionalismo foi o factor mais importante na fallencia mental e moral da sociedade portugueza. Na fallencia mental, pelo triumpho que proporcionou aos mediocres e aos incompetentes; na fallencia moral, pela protecção que dispensava aos homens sem escrúpulos. Rodrigo da Fonseca marca o inicio do systema corruptor transformado em processo governativo normal. E d'ahi, a não ser nos intervalos de intimidação como em 1847, ou de cobardia como em 1908, até aos seus ultimos momentos, o regime monarchico constitucional foi essencialmente corruptor. Corrompeu individuos, enchendo-os de benesses, prebendas e honrarias; corrompeu classes, dando-lhes pri-

vilegios. Por toda a parte semeou a dobléz, a incoherencia. Deante d'este regime cuja influencia deletaria ia augmentando pavorosamente, começou a formar-se um partido politico contrario, congregando o que de melhor havia nas classes intellectuaes. Mas logo que esse partido começou a ter peso, tanto pela qualidade como pela quantidade, na opinião publica, o regime constitucional immediatamente se creou o proposito de neutralisar a sua acção fazendo diminuir os seus adeptos. E assim é que ou fomentando a discordia interna nesse partido para o que aproveitou a febre socialista, ou cercado de salamaleques alguns dos seus partidarios, o regime conseguiu enfraquecer o partido republicano que até ao movimento desordenado de 1890, não era mais que um pequeno grupo de theoreticos.

A immoralidade da monarchia posta a nú successivas vezes, e a attitude da Inglaterra com o seu ultrajante ultimatum, deram certa ordem ás aspirações do partido republicano, fazendo juntar á volta da sua bandeira tudo quanto, por essa época, se sentiu humilhado. D'ahi a revolução frustrada de 31 de janeiro de 1891.

Frustrada, porquê? Não ha ainda elementos incontrolados suficientes para a justificação do seu insuccesso. Desde a denuncia maliciosa feita até á precipitação dos revoltados; desde o romantismo dos conspiradores até á traição de muitos elementos — tudo contribuiu para que na manhã de 31 de janeiro se manchasse de sangue, inutilmente, algumas ruas do Porto. A monarchia sentiu-se segura. Mas o seu passado era de tal modo natural á constituição, ao seu modo-de-ser, que a bambocata continuou. Regime empirico, sem principios, sem poder fixar-se numa orientação, não merecendo confiança aos elementos de ordem, ella vinha mantendo-se em equilibrio duvidoso. E longe de se emendar, de procurar ser o que nunca fôra — continuou, lançando mão systematicamente de pretextos, de medidas de occasião, de expedientes superfluos ou criminosos. O thesouro publico estava a saque. A agricultura abandonada, a industria sem estímulos, os problemas nacionaes sem uma solução logica. Por outro lado, a influencia clerical trazida para o paiz pela esposa do penultimo rei, ia apoderando-se das escolas, das confrarias, dos collegiós particulares.

(Continúa).

«Ser cidadão:—E' respeitar as leis do paiz, amar e defender a patria e a familia.

O criminoso não é cidadão por estar fóra do respeito que deve ter ás leis. Quando se diz: «a casa do cidadão é inviolavel», é porque se entende que dentro d'ella ninguém desrespeita a lei.»

Um grupo de patriotas vae fazer distribuir o seguinte manifesto:

AO POVO DE GUIMARÃES

Cidadãos:

Tendo o povo portuguez proclamado no glorioso dia 5 de outubro de 1910 a Republica em Portugal, forma de governo accete immediatamente por todo o paiz de norte a sul, o grupo de patriotas vi-

maranenses extranha que parte do povo de Guimarães, que sancionou unanimemente as candidaturas dos seus deputados republicanos ás Constituintes, appareça agora, apoz dez mezes de administração e politica honradas, provocando disturbios quando a banda militar da localidade executa o hymno nacional.

Este facto anormal poderia dar direito a alguém, que não conhecesse o caracter do nobre povo portuguez, o julgar, embora em pequena parte, vendido ao traidor, que em terras estrangeiras enlameia o nosso nome.

O grupo porém não concebe que esse facto se possa dar, pois essa ridicula hoste que se tem vendido não tem patria, e attribue os acontecimentos ao facto do povo de Guimarães se achar atrazado intellectualmente, o que deve unica e exclusivamente á torpe monarchia, para sempre banida do nosso paiz e á qual convinha mantê-lo na ignorancia.

Ser monarchico com Affonso Henriques foi honroso, pois esse rei conquistou um territorio para o seu povo e nas luctas com os mouros combatia á frente dos seus vassallos.

Querer ter como rei esse traidor que pediu a intervençáo estrangeira para sustentação do seu throno, esse poltrão que fugiu cobardamente ao primeiro tiro, é ignominioso para nós no seculo XX, em que os povos não precisam de senhores.

Hoje em Portugal o povo é soberano; é elle quem escolhe o seu governo, foi elle que fez a Revolução redemptora de 5 de outubro.

A forma de governo, unica e immutavel é a Republica, a bandeira da Patria é verde e encarnada, o hymno nacional é a Portugueza; foi o povo portuguez que assim o quiz!

Povo de Guimarães:

Pedimo-vos que, em presenca do symbolo da Patria e sempre que uma banda execute o hymno nacional, vos descubraes, mantendo-vos na attitude respeitosa, propria de um povo civilisado.

Egualmente pede ás gentis damas o obsequio de se levantarem nestas occasiões, para assim darem o exemplo de delicadeza e cortezia, proprias de que é bem educado.

Um grupo de patriotas.

«Ser republicano:—E' ser partidario do Governo em que o povo elege um transitorio Chefe d'Estado, orientado da politica do paiz.

E' querer a liberdade politica: a egualdade da lei e a fraternidade entre governante e governados.»

ALVORADA

SALGADO

RUA 31 DE JANEIRO—GUIMARÃES

Completo sortido de fazendas brancas, miudezas e fazendas de moda

Variedade em colletes d'espartilhos da casa Santos Mattos (fabricantes)

Chá preto e verde de superior qualidade

Vinhos finos da casa Ferreirinha que se vendem por os preços da tabella

Um grande sortido de bordados que se vendem a pezo. Penhas, suspensorios e gravatas para homem e creança. Sabonetes e perfumarias finas.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus ex.^{mos} amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão, 98, junto ao edificio dos Bombeiros Voluntarios, construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos — Retratos em porcellana

Retratos réclame desde 600 reis a duzia — Ampliações inalteraveis desde 2\$000 reis.

Novidades, effeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem póde egular, não hesite em preocupar sempre esta casa. Opera-se com todo o tempo.

NOTA: De harmonia com a lei do descanso semanal, esta photographia acha-se encerrada ás segundas-feiras

Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97

CHAPEUS PARA SENHORA E CREANÇA

(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Malas de mão (Bolsas)

LEQUES, muita novidade

Camisaria, Gravataria, Espartilhos e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

— PREÇOS FIXOS —



Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	"
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os surs. assignantes 25 % de abatimento.	"

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.